

## ANTONIO D'OLIVEIRA MARRECA



Antonio d'Oliveira Marreca, que antes de hontem falleceu com 84 annos d'edade, é o exemplo d'uma vida pura, ininterruptamente consagrada ao trabalho e á defesa d'uma causa. Como homem de letras e como homem politico, elle se comprometteu em seguir a trajetória que traxera nos seus primeiros annos de rapaz, e em traduzir em actos de civismo austero, a puritana essencia do seu caracter.

Deixa o seu nome ligado ás luctas gloriosas da liberdade: foi o amigo intimo de Passos; collaborou na constituinte de 37, assignando a constituição derivada do movimento revolucionario de 1836.

Quando cahiu em França o governo de Luiz Philippe, sendo proclamada a Republica, em 48, Oliveira Marreca organisou com José Estevão e Rodrigues de Sampaio o partido revolucionario, que veio a dissolver-se com o golpe d'estado de Napoleão III. Em 66-67 entrou na revolução da *faneirinha*, e em 68, o ministerio Loulé-Braancamp offerreceu-lhe a pasta da fazenda, que elle recusou. Como homem de sciencia, deixa o seu nome firmando alguns livros d'economia politica e d'estatistica: Como artista assignou um romance historico, o *Conde Soberano de Castella*, que apesar d'incompleto, ficará entre as mais bellas concepções da phantasia portugueza, ao lado do *Monge de Cister* de Herculano, e do *Arco de Sant'Anna*, de Garrett.

Soffreu tudo, a prisão, o exilio, as perseguições, a pobreza; e desprezador dos pompos officiaes, já n'este tempo, com a sua isenção nobilissima e o seu acridado patriotismo, o exemplo raro d'uma existencia util e forte, que não quer paga pelos sacrificios feitos ao paiz, e que morre abençoando aquelles tucanos que alguma vez o renegaram.

## Primavera

NO ANNIVERSARIO NATALICIO

DE

### Raphael Bordallo Pinheiro

A lua, o sol, as estrellas,  
Aves, verduras e flores,  
Tudo mostra os seus primores  
E se exalta-os se esmera:  
Quer no ceu, quer nos espaços,  
Quer na terra, quer no rio,  
Tudo folga reinadio  
Co'a vinda da Primavera!

A lua, meiga e risonha,  
E' como argentea cascata  
Lançando jorros de prata  
Dos mil buraquinhos seus;  
Com mais brilho fulgurante  
Hoje o sol nos allumia,  
— Mesmo o gaz da companhia  
Dá mais luz — bendito Deus!

De alegria, á primavera  
Pagando o tributo, o fóro,  
Toda a natureza em côro  
Entoa hosana feliz;  
As aves, entre as ramagens,  
Trocam de amor mil beijocas,  
E os grilos, dentro das tocas  
Cantam alegres gri-gris.

Anda a alegria nos rostos  
Da gente pobre e ricassa;  
Mesmo os pretos do Nyassa  
Dançam contentes lunduns!  
Andam rosas ao despique,  
A qual mais aromas forge,  
E o castello de S. Jorge  
Estoira alegres pum-puns!

Quer dizer que, n'este dia,  
Do mundo na redondeza,  
Anda toda a natureza  
N'um prazer extraordinario!  
Desde os lyrios, desde as dhalias  
Aos raminhos de carqueja,  
Tudo, em summa, se festeja  
P'lo teu fausto anniversario!

Ora então, que se repitam  
Outras tantas primaveras  
De felicias tão sinceras  
E dos mais aureos auspicios;  
E que Deus te livre sempre  
De ozagre e más ollhadellas,  
De quebranto e de capibellas,  
De maleitas e... Melicios!



## De raspão

Nem por terem as camaras fechado, a capital fechou as valvulas da tolice: e á falta de melhor assumpto de chronica, haveremos que fazer can-can dos *suetos* roubados aos jornaes, durante a semana finda.

Por exemplo, o *Reporter*, notificando a'um dos seus numeros, que o sr. Angelo dos Reis era dyspeptico, chama á dyspepsia uma doença desagradavel, *mas um tanto á moda e chic*. E disrecreia o caso, com filaucias de humorista:

«Uma dyspepsia e uma lesão cardiaca fazem hoje a reputação d'um homem.

Diz-se, ouve-se ahi a cada passo,—a cada passo— a cada passissimo:

—F. tem uma saude de ferro.

—Então é um burro, acode-se logo do lado.

—F. soffre d'uma lesão cardiaca ou d'uma dyspepsia.

—Fio-fio-fio... isso tem muito *ta-len-to*.

Esta é a verdadinha.»

Como se vê, a *boutade* é digna de Swift ou de Daniel Sterne, e podia inspirar a obra d'um caricaturista mordente, á maneira de Hogarth ou Henri Monnier. Oh, que saude de ferro deve ter o auctor do trecho que citamos, se a theoria que elle exara é verdadeira!...



Um correspondente de Lisboa escreve para um jornal elvensê, esta noticia:

«O ex-alferec Marinho da Cruz, reconhecendo a sua aptidão para o officio de entalhador, que aprendia desde que foi para a Penitenciaría, pediu e obteve que lhe fosse permitido dedicar-se ao estudo das sciencias naturaes.»

Este local explica talvez com certa profundeza, qual a razão porque o correspondente do jornal elvensê deliberou fazer-se escriptor publico. Naturalmente reconheceu em si uma grande vocação para sapateiro.



Ha em Beja um jornal que o districto apellida de ideias avançadas, e que redigido por uma confraria de espirra-canivetes, qual mais desorientado e palavroso, se creou no jornalismo provincial uma situação de má lingua, a que nem sempre preside a justiça, e que por vezes deriva no excesso, á semelhança do que se dá com muitos dos jornaes *escamados* da capital. O jornal supra-citado é em Beja, uma especie de porta-voz dos descontentes de todo o districto, a cujo pavilhão vem os amanuenses de fazenda suspensos, os litteratos biliosos, e os declamadores enfatuados, soprar as suas diatribes, contra os administradores de conselho que lhes fazem sombra, contra as instituições do Estado, contra Deus, contra a Ajuda e contra os credores.

Agora intentou elle uma cruzada de diffamação contra não sabemos que padre, que por força deve occupar no bispado um logar proeminente, e cuja indole amorosa, parece que vac pelas alcovas de Beja fazendo mão baixa na reputação das viuvinhas levianas.



N'um dos ultimos numeros ha um artigo extraordinario. phantastico, inverosimil, no qual se chama ao padre em questão — imagine-se o que? — general Boulanger! E o articulista justifica-se do epitheto, dizendo que *esta harpia da honestidade, se não pretende subir ao poder pelo suffragio dos seus parochianos, pelo menos pretende escalar os thalamos nupciaes, e evadir o lar domestico, pela escada da sua descumunal luxuria.*

A um seductor tem-se chamado tudo, desde Lovelace até pulha, principalmente tractando-se d'um padre — tudo; excepto general Boulanger. Porque enfim, não se é igualmente cezar, pelo suffragio d'uma turba-multa de parisienses *affolés*, ou pelas condescendencias de meia duzia de leitões conspueados — e em boa logica, não ha de ser ás botas do reverendo que a opinião deve assobiar o *en revenant de la revue*. O á volta da revista, deve executar-se, quando muito, á passagem das confessadas do padre seductor.

Cumo é de suppôr, a verrina do periodico fez um certo barulho no districto, em termos do ecclesiastico ser chamado aos tribunaes. Abre-se logo na redacção um peditorio para as ajudas de custas do processo; chovem doze viutens e patacos, por bandã dos correli-gionarios da folha, abrasados na ideia de deitar abaixo o throno e o altar; e como a redacção dá publicidade ás cartas dos subscriptores, ahí começa a procissão das inepcias pittorescas.

Um tal Ribeiro, por exemplo, chama ao padre — esse *universal atrevido*. E recapitula — «portanto, deixemo-nos de preconceitos e vamo-nos a elle!»

Vem outro de *Fenado Gordo*, e chasqueteca o padre em verso, á Luiz d'Aranjo:

«Sendo seu constante leitor — por ver o fervor com que V. redactor — com arte a primor — elogia das almas certo pastor... — Que n'isso é resolutu, astuto, o tal charuto — mais Berrabaz que Satanaz — mais sincero que Luthero — mais jaz que Mayses — mais *coquet* que Mahomet — tem mais *brilhancotices* do que Ulysses — Depois da ceia, reflexo da candeia — ao serão do bello sexo introdução, pelo Simão — Depois d'esta volta, revista á batota...»

E por aqui fóra, o estendal de torpezas continúa. E' facil reconhecer n'este jornal de Beja, como em muitas outras linguas de trapos da provincia, a nefanda influencia radiada da capital, pelos chamados jornalistas politicos, e pregnosticar qual venha a ser o destino ultimo de periodicos que resvalam a tão profundos baixios.

Na colera, como na ironia, elles teem quasi todos o ponto de vista réles. E quer incitem os leitores a alarem-se n'elles, quer vergastem o porte dos que se atirem a ellas, a sua attitude é sempre esbandalhada, e a gente adivinha pela trama dos artigos, o úgurino lisboeta por que elles vestem, e o Judas de palha que elles unaqueam.

IRKAN.

## CROQUIS DE S. CARLOS



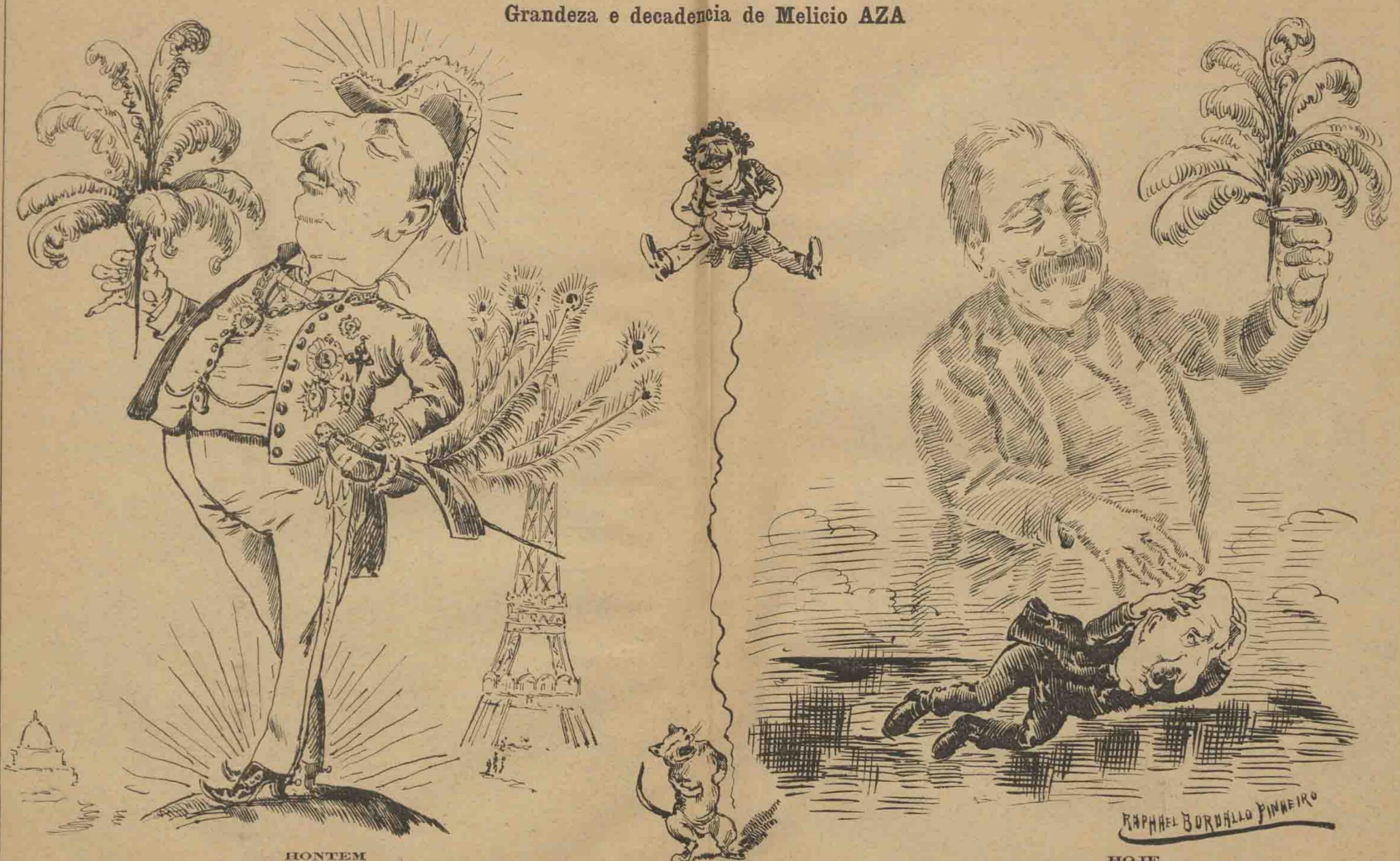
DOIS VENCIDOS DA VIDA

## GAZ VELHO E GAZ NOVO



— Ora já a gente pôde accender a beata, sem pedir lume a quem vac passando. Ah, ricas lamparinas p'ra uma pedrada!

# Grandeza e decadencia de Melicio AZA



HONTEM

HOJE

Com *penacho* edição barata do finado duque d'Avila e Boloma

Sem *penacho* edição cara do Carrapato na lama

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## A expedição melicia

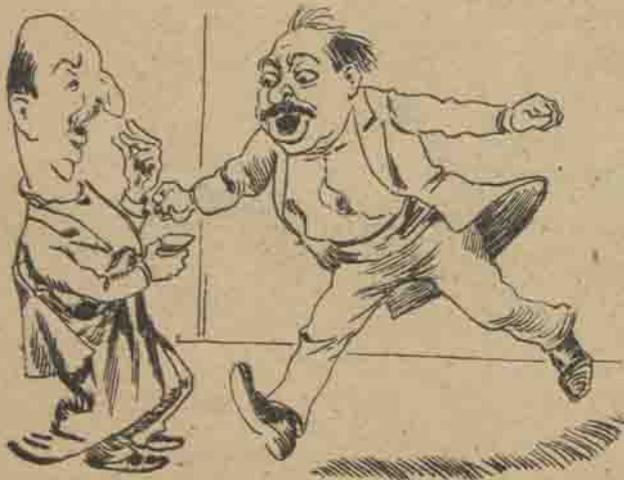
(Historia para crianças)



Então Melicio, ferido com as ingratidões dos homens e da Patria; vendo que o seu genio era incomprehendido pelas gentes; que o seu valor e a sua sabedoria eram escarnecidos pelos vis fullicularios; que o penacho de Paris lhe havia sido implacavelmente arrancado, — chama Silva Industrios e diz-lhe:



— «Meu caro Silva, ó meu adorado Silva! E' preciso mostrarmos a esta canalha vil, quem somos e o que valemos!... Partimos amanhã para o Nya<sup>a</sup>sa... Sejamos obreiros do progresso, e tratemos de arrancar Cardoso das unhas do Macanjira e mais do Curia<sup>a</sup>ssia! Tens medo, ó meu irmão, ó meu adorado aza?!...» —



E Silva respondeu: — «Eu não tenho medo! Eu sinto-me até com ganas de engolir dois Macanjiras d'uma vez!...»

E os dois intrepidos irmãos da famosa congregação dos *Azas-de-móscã* (pela qual Gomes de Brito parece nutrir um profundo desdém!) — lá foram em trajos de exploradores, dentro d'um bote cacilheiro, em demanda da costa oriental d'Africa.



E apenas desembarcaram em terras d'Africa, Melicio trepou a uma arvore, e com aquella eloquencia que todos lhe conhecem, disse ao mundo e ao Silva Industrias: — «Vae soar a hora da justiça! A patria engentou-me! Um governo nefasto tirou-me o pennacho de Paris! Mas a Humanidade escreverá nas paginas da Historia o meu nome em lettras d'oiro!...»



Esta eloquencia ecoou de serra em serra, de valle em valle, e em menos tempo do que é preciso ao diabo para esfregar um olho, — o orador viu-se rodeado de selvagens, agitando azagaias.



E enquanto Silva Industriais puzava por um revolver e continha a pretalhada beijuda e mamuda em respeito, Melicio berrava-lhes: — «O' seus canalhas! Onde está o Cardoso?...»



Mas os selvagens pegaram n'elles, despiram-os de seus trajos mais catitas, e levaram-os nus, á presença de Macanjira, e da sua corte.



O dono da haringa recebeu os illutres hospedes com a sua proverbial amabilidade. Mandou-lhes dar uma sova de bambú, por seis pretalhões do seu estado-maior.



Mandou-os pintar e adornar á moda do paiz, por seis pretalhões da sua guarda particular. E só assim, tornados selvagens, é que o Macanjira permittiu a Melicio e a Silva Industriais, que estes lhe dirigissem a palavra.



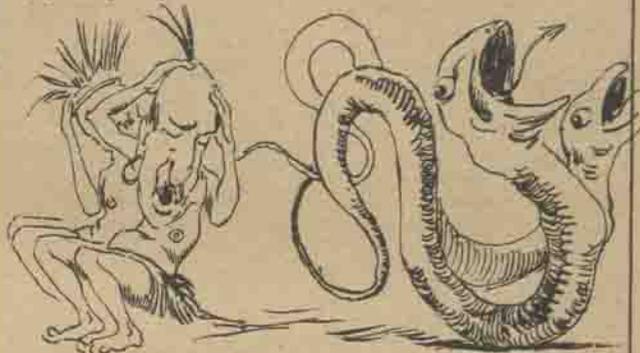
Depois de contarem ao regulo o fim para que ali iam, Melicio insinuou-lhe que elle devia fazer em Paris uma exposição industrial! E que elle ali estava, e mais Silva, para fazerem de Macanjira o regulo mais afamado na Europa!...

0329

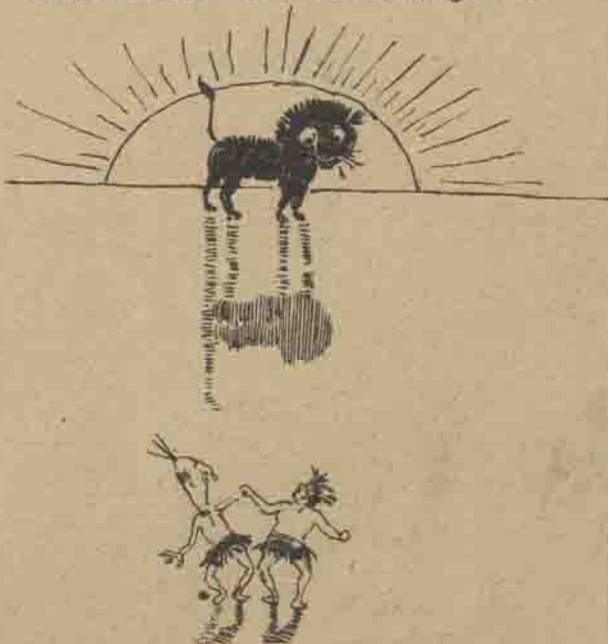
Macanjira que tambem já sabia o que certas exposições lhe haviam custado, desconfiou dos dois Azas, e mandou-os pôr fóra das suas fronteiras. E quando os dois estavam sós, chorando e lamentando-se, eis que aos ruidos dos seus soluços começam a approximar-se duas giboias.



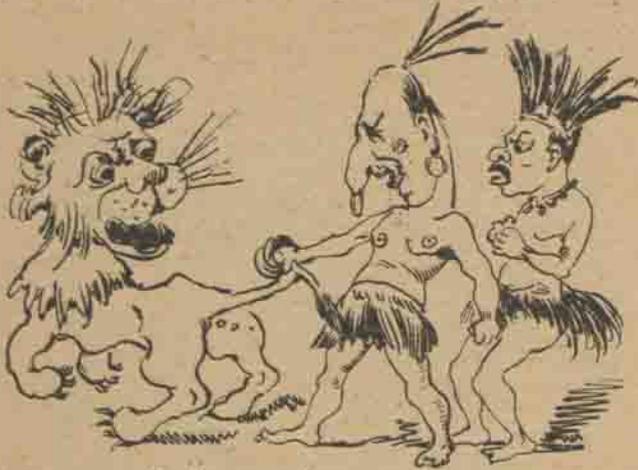
Uma enrosca-se a Melicio; outra a Silva. Mas apenas sentem o frio das carecas dos nobres Azas, — cil-as que fogem para o matto, silvando de horror!



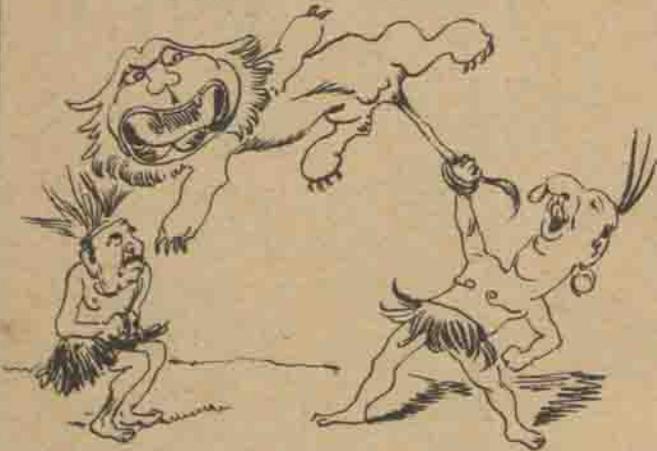
Então com o ruido, um leão surge no horisonte, olhando-os com ferocidade. — Ai! Melicio! que estamos perdidos! — E Melicio assim retorquiu a este grito desesperado de Silva: — Bem se vê que nunca tratáste com leões! Deixa-o vir... Deixa-o comigo!...



E apenas o leão se approxima para os farejar e talvez para os comer,—Melicio pela cauda lhe pega;



Dá-lhe trez voltas no ar:



E atira pelos ares com o leão, deixando não só boquiaberto o proprio quadrupede, mas também o Aza da Silva que olha para Melicio como quem olha para um Deus.



E seguiram para a margem d'um rio, que ao lago Nyassa levava. Metteram-se para dentro d'uma piroga; e deixaram-se arrastar pela corrente, até que n'uma queda d'agua a piroga se volta, e os dois Azas teem de continuar a viagem a nado.



Apenas dhegados ao lago, eis que um enorme crocodilo abre as guellas e os recebe em seu bandulho, para onde caem, como se cae dentro d'um poço.



Mas não sei de que carne são feitos os Azas, que o pobre crocodilo logo começa em ancias, aos solavancos, agitando todo o lago, como quem sofre de colicas horrivcis.



E n'um arranco fabuloso, cóspe-os para os ares,—porque as agonias lhe provinham dos kilos de rapé que os dois melicios tinham enterrado nas profundezas dos respectivos narizes.



E o arranco foi tamanho que os dois, do lago Nyassa, foram cahir a Paris, em plena exposição.



E Paris, vendo aquelles dois selvagens, logo os mandou para o Jardim d'Acclimação, onde os vão expôr no grupo dos botocúdos.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E aqui está, meus meninos, como dois commissarios se transformam em dois selvagens, para serem vistos em Paris a um franco por cabeça... mecio franco para meninos, amas de leite e militares